A literatura social de Jorge Amado: Gabriela Cravo e Canela

Luciana Ferreira
Henrique Nunes da Silva

Os anos 30, 40 e 50 foram especialmente importantes no Brasil por representarem a consolidação de algumas questões políticas, bem como foi época em que se iniciou o processo de industrialização, apesar de ainda mantermos um país agrário, por excelência, no qual persistia a exploração da mão-de-obra rural, caracterizando estruturas sociais injustas, onde o mundo do trabalho privilegiava a enorme exploração do homem pelo homem. Destaquemos que o romance foi a forma literária que melhor expressou o cenário social já descrito, caracterizando o que Lucien Goldman denominou “epopéia social”:

O romance é a história de uma investigação degradada a que Lukacs chama “demoníaca”, pesquisa de valores autênticos num mundo também degradado, mas em um nível diversamente adiantado e de modo diferente. Com efeito, a forma romanesca parece-nos a transposição para o plano literário da vida cotidiana da produção para o mercado.¹

Os estudos de Goldman sobre a Sociologia do Romance nos esclarece que apesar desta forma narrativa dar conta das questões sociais, a obra literária não é um documento do real:

A obra literária não é o simples reflexo de uma consciência coletiva real e dada, mas a concretização, num nível de coerência muito elevado, das tendências próprias de tal ou tal grupo, consciência que se deve conceber como uma realidade dinâmica, orientada para certo estado de equilíbrio. No fundo, o que separa neste domínio como em todos os outros, a sociologia marxista das tendências sociológicas positivistas, relativistas ou ecléticas, é o fato de ela ver o conceito fundamental não na consciência coletiva real, mas no conceito construindo de consciência possível, o único que permite a compreensão do primeiro.²

A adesão dos intelectuais às causas do povo motivou uma onda de literatura apoiada nas teses marxistas que afirmavam ser o proletariado, o único grupo capaz de sustentação à uma nova cultura:

¹ GOLDMAN, 1967, p.8.

² GOLDMAN, 1967, p.20.

A antiga tese marxista que via no proletariado o único grupo social capaz de construir o fundamento de uma cultura nova, pelo fato de não estar integrado numa sociedade coisificada, tinha sua origem na representação sociológica tradicional que supunha não poder a criação cultural autêntica e importante nascer senão de um acordo fundamental entre a estrutura mental do criador e a do grupo parcial mais ou menos vasto, mas de alcance universal.³

Assim temos no Brasil diversos escritos engajados tomando a literatura como missão e assim foi Jorge Amado. No ano de 1956, quando ocorreu o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, tendo desferido severas críticas e denúncias contra a ditadura de Stálin com isso, Jorge Amado sente que estava ficando para trás, pois a literatura não poderia manter o dogma de Gabriela, de resto, é um retorno ao chamado ciclo do cacau dogma de esquerda como o era na época.

Gabriela, cravo e canela, é um romance que nos mostra uma visão picaresca da sociedade, ou seja, a busca pela obtenção de lucros e vantagens, por parte das classes sociais mais abastadas. Para muitos, o romance marca uma guinada na carreira de Jorge Amado, provocada pela saída do Partido Comunista. Existe a idéia de que ele só escreveu *Gabriela* porque tinha saído do PC. O romance tem como uma de suas principais características, os elementos folclóricos e populares; a mestiçagem da mulata Gabriela e do árabe Nacib; comidas típicas, candomblés, terreiros e a capoeira:

Jorge Amado é bastante característico, analisar com grande poder narrativo a epopéia dos coronéis de cacau. Os desbravadores heróicos, os homens da mentalidade capitalista, e os da decadência, envolvidos em negócios da cidade. Os fazendeiros, ligados ao comércio e aos bancos, não trazem o estilo de vida capitalista, desenvolvimento com a herança pré-capitalista⁴.

Muito tinham-lhe contado daquela terra do cacau para onde iam sabia de gente que saíra do Ceará sem tostão e voltará poucos anos depois a passeio, arrotando dinheiro. Era o que ele ia fazer. Queria derrubar a mata, ainda existiam algumas, plantar cacau, ter terra sua, ganhar bastante (...) Gabriela iria com ele, e, quando aparecesse um padre por aquelas bandas, casariam. Ela fez que não com a cabeça, agora não ria seu rizo de mofa, disse apenas (...) A caatinga acabou, começaram terras férteis, as chuvas caíram (...)⁵.

Como um bom contador de histórias, Jorge Amado envolve seu leitor num labirinto de muitos “casos” estabelecendo conexões entre a natureza e o sujeito, mostrando a “cor” da região cacaueira da Bahia:

³ GOLDMAN, 1967, p.19.

⁴ LUCAS, 1976, p.79.

⁵ AMADO, 1995, p.78.

Falavam da safra anunciando-se excepcional, a superar de longe todas anteriores. Com os preços do cacau em constante alta, significava ainda maior riqueza, prosperidade, fartura, dinheiro a rodo... E dizer-se que essas chuvas agora demasiada copiosas, ameaçadoras, diluviais, tinham demorado a chegar, tinha-se feito esperar e regar, meses antes, os coronéis levantaram os olhos para o céu límpido em busca de nuvens, de sinais de chuva próxima. Cresciam as roças de cacau, estendem dar-se por todo o sul da Bahia, esperavam chuvas indispensáveis ao desenvolvimento das frutas acabando de nascer substituindo as flores nos cacauais. A procissão de São Jorge, naquele ano, tomara o aspecto de uma ansiosa promessa coletiva aos Santos Padroeiros da cidade. Seu rico andor bordado de outro, levam-no sobre os ombros orgulhosos os cidadãos mais notáveis, os maiores fazendeiros, vestidos com a bata da confraria, e não é pouco dizer, pois os coronéis do cacau não primavam pela religiosidade, não freqüentavam igrejas, rebeldes a missa e a confissão, deixando estas fraquezas para as fêmeas da família⁶.

A personagem Gabriela é descrita com toda a sua sensualidade, qualidade típica da mulher tropical. Essa visão sobre a mulher encontra seus antecedentes nas primeiras representações do Brasil, como em “*A Carta de Pero Vaz de Caminha*”.

(...) Agora o corpo moreno de Gabriela, a perna saindo cama. Mas do que via adivinhava-o sobre a coberta remendada, mais cobrindo a combinação rasgada, o ventre e os seios. Um seio saltava pela metade, Nacib procura enxergar⁷.

Ainda, em relação à representação, feminina, Jorge Amado descreve as injustiças de uma sociedade hipócrita mostrando um homem em desencanto a quem roubaram horizontes. De acordo com Fábio Lucas, a Literatura de Caráter social procura levar o leitor a uma revolta contra a ordem existente, apelando para a repulsa moral acerca da situação do ser humano⁸.

Assim era. Numa região recém chegada de barulho e lutas freqüentes quando as estradas para as tropas de burro e mesmo para os caminhões abriram-se sobre picadas feitas por jagunços marcados pelas cruces dos caídos nas tocaias, onde a vida humana possuía pouco valor, não se conhecia outra lei para traição de esposa além da morte violenta. Lei antiga, vinha dos primeiros tempos do cacau, não estavam no papel, não constava no código, era no entanto a mais valida das leis e o júri, reunido para decidir da sorte do matador, a confirmava unanimemente, cada vez, como a impô-la sobre a lei escrita mandando condenar quem matava seu semelhante (...)⁹

⁶ Op.cit, p.144.

⁷ Op. Cit, p.144.

⁸ LUCAS, 1976, p.57.

⁹ AMADO, 1995, p.92.

E o pulsar da vida na Cidade de Ilhéus é descrito com grande riqueza de detalhes na narrativa de Jorge Amado. Ressalte-se que na concepção do romancista, a obra não está ligada à especulação abstrata, mas repousa sobre um pensamento de interesse humano e suas ações:

“Ilhéus corria o mundo, os cegos cantavam suas grandezas nas violas, os caseiros viajantes falavam daquelas terras de fartura e valente, ali um homem se arranjava num abrir e fechar de olhos, não havia lavoura muito prospera que a do cacau.”¹⁰

A sociedade que pune e segrega as mulheres humildes, notadamente as prostitutas é encenada no romance, com grande desencanto nos mostrando a decadência e o problema social da venda do corpo.

Portanto, a presença humana é a concentração máxima dos problemas e o conhecimento do homem em suas complexas relações sociais; o dia a dia do seu trabalho e o esforço, passam, então, a ocupar lugar de destaque na cena narrativa:

Quando tomavam conhecimento de infidelidade das mulheres que sustentavam ou pagando-lhes o quarto, a comida e luxo em pensões de prostitutas, ou alugando-lhes casas nas ruas menos freqüentadas (...)

Antes de Glória, muitas outras haviam se sucedido na boa graça do coronel, em amigalhões que em geral duravam certo tempo. Rapariga sua era trancada em casa, pouco saindo, solitária, sem direito a amizades, a vistas *Um monstro de ciúmes*, diziam dele:

- Não gosto de pagar mulher pros outros (...) explicava o coronel quando lhes tocavam no assunto. Quase sempre era mulher quem o abandonava, farta daquela vida de cativa, de escrava bem alimentada e bem vestida. Algumas vinham parar nas casas de prostituição, outras voltavam para as roças, uma viajara para Bahia, levada por um caixeiro viajante (...) Juca fez-se parceiro do coronel no leito da rapariga [...] de aluguel pago por Coriolano. A tímida Chiquinha transformou-se em atrevida amante, chegando ao cúmulo de sair à noite, braços dados com o Juca para deitarem os dois juntos na praia deserta, sobre o luar (...) Os vizinhos próximos ouviam risos e suspiros, deves enquanto a voz de Chiquinha num gemido: ai meu amor!¹¹

Estudante em férias, Juca descobriu Chiquinha no dia de procissão. Começou a rondar a casa na rua iluminada, amigos adoravam o perigo, com a rapariga do Coronel Coriolano ninguém se metia (...)¹²

Portanto, além de exploração das “trabalhadoras do sexo”, Amado também denuncia a faina do trabalho no campo, a promessa de crescimento com a lavoura do cacau, a problemática da sobrevivência e da satisfação das necessidades mínimas do ser

¹⁰ Op.cit, p.92.

¹¹ AMADO, 1995, p.102-103.

¹² Op.cit. p.77.

humano, intensificando a relação homem /natureza e o como trabalho marca a vista e o destino das pessoas:

Clemente não tinha ofício. Labutara sempre no campo, plantar roçar e colher era tudo que sabia. A demais viera com a intenção de se manter nas roças do cacau, tinha ainda tanta história de gente chegando como ele, batida pela seca, fugindo do sertão, quase morto de fome, e enriquecendo naquela terras em pouco tempo¹³.

A contradição contida nas diferenças entre as classes é exposta pelo escritor baiano, a partir de um amontoado de histórias, que se entrelaçam no grande sertão baiano e, a história “Gabriela Cravo e Canela” se fecha com anulação do casamento da personagem, de Gabriela e Nacib, como o conseguinte retorno de Gabriela ao trabalho no Bar e a vida de objeto sexual do desejo masculino.

Referências

AMADO, Jorge. *Gabriela Cravo e Canela: crônica de uma cidade do interior*. 77. ed. São Paulo: Record, 1995.

GOLDMAN, Lucien. *Sociologia do Romance*. Paz e Terra. v.3, 1967.

LUCAS, Fábio. *O caráter da literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Quíron, 1976.

¹³ Op.cit. p.77.